

A leitura e a formação humanística do estudante de odontologia: processos em construção[†]

A leitura atua como um eixo interdisciplinar, devido à sua natureza integradora de saberes e constitutiva da construção de novos conhecimentos.

Jurema Nogueira Mendes Rangel*

* Mestre em Educação. E-mail: jurema@ajato.com.br.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo traçar os percursos dos estudantes do 1º período do curso de odontologia em relação à leitura, focalizando os atos de leitura presentes na vida universitária que podem colaborar para a formação humanística do odontólogo. Considerando as contribuições da história cultural, buscou-se entender: “Como esses alunos estabelecem os primeiros contatos com os objetos de leitura que o ensino superior coloca em circulação?”. É um estudo exploratório, produto de uma pesquisa-ação, junto a 70 alunos da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário com 12 perguntas, sendo 3 abertas. Os resultados apontam diferentes trajetórias de leitura em formação. Conclui-se que a formação do leitor crítico deve ser um compromisso do docente universitário.

DESCRITORES

Educação em odontologia. Leitura. Compreensão de leitura.

Este estudo tem como objetivo traçar os percursos dos estudantes de odontologia em relação à leitura, focalizando os atos de leitura presentes na sua vida universitária. Há muito defendendo que a leitura é fundamental para a formação de qualquer universitário^{14,15}, pois favorece o entendimento do mundo numa perspectiva crítica e interdisciplinar, como propõe a

abordagem interativa de leitura⁹. Ao ler qualquer tipo de texto, o leitor coloca em ação um sistema de valores, crenças e atitudes constituídos em diálogo com o grupo social, instituindo práticas de leitura que conformam e contrastam as formas de ler.

Assim, eventos como o Congresso de Leitura do Brasil (COLE) e o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) têm sido palco da apresentação de pesquisas sobre as práticas de leituras adotadas pelos estudantes. Porém, a maioria está voltada para o ensino básico, principalmente o ensino fundamental. Poucos são os estudos sobre como se processa a leitura empreendida pelos alunos do ensino superior. Quando realizados, há forte interesse na área de humanas, em especial pelos cursos de letras¹³ e pedagogia^{4,5,8,11}, visto que os profissionais provenientes desses cursos deverão atuar como formadores de outros leitores. Os estudos apontam a necessidade de se criar uma pedagogia de leitura na universidade por meio de uma orientação teórico-metodológica que favoreça aos estudantes uma leitura proveitosa e reflexiva. Mas como isso se dá junto aos alunos das demais áreas, cuja preocupação com essa formação não é tão evidente? Como são constituídos esses alunos-leitores? Quais são as práticas de leitura dos estudantes de odontologia favorecedoras da leitura de mundo, tendo em vista a formação de um profissional engajado em problemáticas sociais e culturais, atuando no sentido de buscar soluções para elas?

[†] Este artigo é baseado no trabalho “A leitura do estudante de odontologia: trajetórias em formação”, apresentado no 15º COLE, no IV Seminário sobre Leitura e Produção no Ensino Superior, realizado na Universidade Estadual de Campinas (SP), de 5 a 8 de julho de 2005.

O estudo aqui apresentado está organizado em três seções: a primeira refere-se ao papel da leitura na universidade e, em particular, no curso de odontologia. Para tanto, faz-se uso, principalmente, das contribuições da história cultural que destaca o modo como os estudantes interagem e convivem com os objetos da cultura letrada que alinhavam os contornos do leitor. A segunda apresenta os resultados do levantamento de uma pesquisa-ação realizada no curso de odontologia da Universidade Estácio de Sá, junto aos alunos do 1º Período (2004.1), sobre seus percursos de leitura. E, em seguida, apresentam-se as considerações finais sobre os processos de leitura apontados pelos estudantes que podem contribuir para a formação humanística do odontólogo.

O LUGAR DA LEITURA NO CURSO DE ODONTOLOGIA

Desde a promulgação da LDB 9.394/96, reforça-se a universidade como um espaço para a formação profissional que deve reunir o desenvolvimento de ações educativas relativas à busca de informações, ao aprimoramento e uso das tecnologias, à construção e comunicação do conhecimento.

Na esteira das propostas feitas no documento, os cursos de odontologia vêm sofrendo mudanças significativas em seu projeto pedagógico introduzidas pelas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação da Saúde². Entre os vários aspectos destacados pela Lei, o compromisso com a saúde, com a ética e com a atuação filiada à transformação social é fundamental para responder a uma proposta humanizadora de educação odontológica¹². Evidenciam-se, nesses documentos, não apenas a intenção de cuidar da doença, mas a busca por uma direção da formação do cirurgião-dentista que contemple a promoção da saúde bucal, o que requer uma mudança substancial nos currículos vigentes. A ênfase tecnicista, ancorada no paradigma racionalista, que perdurou durante muito tempo na formação dos odontólogos é, hoje, acompanhada pela preocupação de inserir esse profissional na perspectiva de uma ação para a transformação social, atendendo às demandas do Sistema Único de Saúde (SUS).

Um dos caminhos propostos para atingir essa meta está indicado nas Diretrizes, em seu art. 4º, inciso III, que destaca a habilidade da leitura e escrita em relação à competência da comunicação. Cada vez mais, a contemporaneidade exige que o sujeito saiba resolver problemas e apresente uma capacidade de abstração que lhe permita desvendar as situações que emergem

do cotidiano.

Assim, a formação crítica e humanizadora supõe um sujeito que pense por conta própria, ou melhor, seja autor de suas idéias. O pensar exige o repensar, o rever, o indagar, o transgredir o conhecimento já construído para que se possa propor, reafirmar, inovar, transformar a realidade.

Nessa ótica, tem-se como princípio que ler é pensar, pois coloca em jogo a imaginação e a realidade, as interdependências, as relações entre os sujeitos, moldadas pelo poder, o possível e a utopia. A leitura requer um processo de construção de sentidos cuja dimensão abrange as formas de representação, a prática e a apropriação, configuradas historicamente^{7,9}. Ler um texto ou decifrar um sistema de pensamento consiste em considerar, ao mesmo tempo, a linha diacrônica em que se estabelece a relação do texto ou de um sistema de pensamento com as manifestações já existentes, e a linha sincrônica, que permite relações do conteúdo em pauta com os de outras áreas de uma cultura⁷.

Entendida dessa forma, a leitura atua como um eixo interdisciplinar, devido à sua natureza integradora de saberes e constitutiva da construção de novos conhecimentos. Logo, cabe à universidade aprimorar as competências de leitura que o aluno traz ao ingressar na instituição, com vistas a possibilitar outras leituras de mundo^{4,14}. Nas palavras de Almeida Filho¹ (2005), a experiência de linguagem fortalece os sentidos de humanização, da cultura brasileira e da cidadania planetária ética e consciente dos graduandos.

Nessa linha, os aportes de Chartier⁷ (1991) sobre o livro, o texto e as práticas de leitura anunciam a existência de diferentes formas de se apropriar do texto. Não se lê um texto da mesma forma, nem igual à leitura feita por outro como pensava o estruturalismo que influenciou e ainda influencia o ensino da leitura. Nela, o texto é considerado um instrumento de comunicação, em que a subjetividade não encontra espaço. Porém, Kleiman⁹ (1993) e Chartier⁷ (1991) têm mostrado que as experiências individuais, em diálogo com as representações dos diferentes grupos sociais, formam um todo que impulsiona, determina, desenha as práticas de leitura valorizadas pela sociedade em detrimento de outras consideradas como menores pelos grupos hegemônicos. Ler um livro tido como um clássico é mais valorizado que ler, regularmente, as revistas semanais que fazem circular as notícias econômicas e políticas, por exemplo. As tensões existentes, permeadas pelos interesses dominantes, estabelecem formas de apropriação de textos, gestos

e modos de ler que alimentam as trajetórias de leitura do sujeito e acabam confluindo para que o leitor estabeleça um certo capital cultural. Os estudos ligados à história cultural, desenvolvidos por Chartier⁷ (1991), ajudam a entender que a leitura está submetida às mesmas regras de outras práticas culturais e, por estar vinculada primordialmente à sistematização escolar, age como um diferencial entre os sujeitos. As experiências individuais de leitura estão inscritas no interior de modelos e de normas socialmente compartilhadas.

Esses pensamentos devem ser considerados ao se refletir como se dá o processo de leitura na universidade, se se quer colocar em prática o que é proposto nas Diretrizes com vistas à formação do profissional em odontologia que, entre outras competências, deve ser capaz de pensar criticamente, aprender continuamente, planejar estratégias para mudanças significativas, como explicitado no artigo 4º.

No entanto, acredito que essas competências se fazem ao longo de um percurso acadêmico que envolve, também, o desenvolvimento da leitura e escrita na universidade e que, na maioria das vezes, nos cursos ligados à área de saúde, é tratado com descaso. Daí, instala-se um paradoxo, pois, ao mesmo tempo que se quer um aluno que compreenda os textos acadêmicos, não há uma preocupação com os processos de leitura que os alunos adotam. Por isso é comum ouvir, em reuniões e na sala dos professores, que os alunos apresentam dificuldades em compreender os textos. Atribui-se ao estudante “a falta” de habilidades frente às diferentes leituras. Os professores não levam em conta as várias formas de apropriação do texto, os tipos de textos colocados em circulação, os diferentes protocolos de leitura que se relacionam diretamente “às oportunidades objetivas da escrita que tiveram os diferentes grupos de estudantes que chegam à universidade, isto é, o tipo de letramento, aí incluídos os vínculos sociais e as disponibilidades culturais”⁷.

Assim, a pesquisa de Leite, Oliveira¹¹ (2004) é esclarecedora, quando se refere aos eventos de leitura planejados dentro das disciplinas pelos professores universitários do curso de pedagogia, intra ou extra-classe, e às experiências vividas pelos estudantes. A leitura científica tem na figura docente o mediador necessário para estruturar e orientar a discussão de textos, promovendo o envolvimento do aluno. O estudo demonstra que essa mediação é transpassada pelo entendimento do professor sobre leitura, e as ações que este desencadeia em sala de aula constituirão os eventos de letramento vividos pelos estudan-

tes.

Da mesma forma, Carvalho *et al.*⁵ (2004) revelam que as alunas do 5º período do Curso de Pedagogia têm uma história de leitura que permeia as práticas de ler das quais fazem uso na graduação. Durante o curso, as alunas demonstram ter adquirido uma certa autonomia, aprendendo a lidar com as múltiplas e fragmentadas leituras que lhes são propostas, desenvolvendo uma didática da leitura própria. Distinguem a leitura que pode ser feita de uma forma superficial daquela para fins de estudo.

Sem dúvida, o universo referencial próprio da academia^{3,4} mostra o quanto ainda é necessário se caminhar para que a leitura, na universidade, seja encarada como uma atividade intelectual importante na formação profissional. O aluno que entra na universidade precisa submeter-se a eventos de letramento característicos desse espaço de formação, visto que precisará ultrapassar a reprodução de conhecimentos, os comentários dos autores e mesmo a seleção de trechos copiados para constituir um pensamento próprio sobre a inserção da ciência odontológica na sociedade em que vive.

Assim, formar o cirurgião-dentista, na perspectiva humanista, implica entender, antes, os processos que envolvem a construção do conhecimento e, dentre eles, a leitura, pois é fundamental compreender “[...] o modo como os estudantes interagem e convivem com os objetos da cultura letrada, em particular com as formas de produção do conhecimento formal”, como destaca Britto³ (2003).

A LEITURA DOS ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA: PROCESSOS EM FORMAÇÃO

O estudo tem caráter exploratório, com contornos de uma pesquisa-ação e circunscrito a 70 estudantes calouros do curso de odontologia, sendo 45 frequentadores do *campus* localizado na zona oeste e 25 matriculados no *campus* da zona norte da cidade do Rio de Janeiro; os estudantes eram, em sua maioria, provenientes de um grupo social privilegiado, com idade entre 18 e 23 anos, em média.

Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário com 12 perguntas, sendo 3 abertas. Usou-se o horário da aula da disciplina de metodologia científica lecionada por mim para o preenchimento do questionário, para o qual não foi solicitada a identificação, visando deixar o aluno à vontade para responder. No entanto, dos 70 respondentes, 45 se identificaram.

Os dados quanti-qualitativos foram organizados

em categorias e apresentados nas partes que seguem. Nessa linha, pretende-se não apenas traçar um panorama descritivo de aspectos importantes para o entendimento do problema, como propõem Richardson *et al.*¹⁶ (1985), mas também buscar compreender a natureza do fenômeno, diante da complexidade que o processo de ler assume nos diferentes grupos sociais, possibilitando o entendimento de particularidades do comportamento dos estudantes. Para a análise dos dados quantitativos, utilizou-se o programa Microsoft Excel 2002. Os aspectos qualitativos retratam os microprocessos instituídos nas interfaces dos sujeitos com seus pares.

A LEITURA FORA DA UNIVERSIDADE

A preocupação inicial do estudo está vinculada às ações de ler das quais os alunos fazem uso no seu cotidiano. Embora o estudo não tenha se detido sobre a formação inicial do leitor, anterior à entrada na universidade, sabe-se que essa fase é fundamental para compreender os modos de ler incorporados pelo aluno, o que será abordado em outra etapa da pesquisa.

Carvalho⁴ (2002) e Carvalho *et al.*⁵ (2004), ao analisarem a leitura dos textos acadêmicos pelas alunas do curso de pedagogia de uma universidade pública, mostram que a leitura na universidade é um campo de tensões entre o ponto de vista do aluno e o dos docentes: estes esperam que os estudantes possuam certa capacidade de interpretação dos gêneros textuais próprios do ensino superior e aqueles apresentam preferências literárias específicas, nem sempre reconhecidas como válidas pela academia.

Se se pensar que a experiência de leitura, nas palavras de Larossa¹⁰ (2001), quando envolve o ensinar e aprender, implica a relação de cada um consigo mesmo e com os outros, vê-se que a leitura coloca em jogo uma série de movimentos que vão além da simples decodificação das informações que um texto contém.

Nesse sentido, 80% dos alunos parecem considerar essas experiências para se reconhecerem leitores. Os alunos demonstram ser leitores de uma gama ampla de impressos como: livros de auto-ajuda (14), autobiografia (4), ficção científica (8), história em quadrinhos (10), jornais (42), livros religiosos (8), poesias (9), policial (8), revistas semanais (34), romance (18), entre outros que não se restringem às solicitações acadêmicas, à semelhança dos dados encontrados por Carvalho⁴ (2002), Carvalho *et al.*⁵ (2004), Correa⁸ (1999) e Ramires¹³ (2002). Esses autores mostram que

há uma “leitura paralela”, não obrigatória, que atende aos interesses pessoais e caminha junto com a leitura acadêmica, a leitura de estudo.

Considera-se que algumas práticas de leitura possivelmente estejam interiorizadas pelos estudantes, pois, por pertencerem a um grupo social que tem acesso a livrarias, bibliotecas, que possui condições de adquirir livros e formar o seu próprio acervo, o livro ocupa lugar de destaque nas leituras de preferência. Embora haja um interesse maior por romance e auto-ajuda, vê-se uma pulverização dos demais gêneros. O panorama encontrado revela que a experiência de leitura se faz alicerçada na diversidade de objetos impressos, se considerada a presença significativa de periódicos.

Embora o livro seja um dos suportes de leitura dos estudantes, quando solicitado que identificassem o último livro lido e seu autor, 41 alunos não responderam. Apenas 30 nomearam a última leitura realizada, sendo que alguns mencionaram apenas o título da obra ou o autor. A proliferação das leituras devido ao fomento das atividades gráficas e a profusão de textos que assolam os dias atuais, tão bem estampados nas bancas de jornais e nas prateleiras das livrarias e que chegam às mãos dos alunos⁶, podem contribuir para uma asfixia de leituras, pouco ficando na memória. A não lembrança desses dados pode também estar atrelada ao sentido atribuído às leituras realizadas.

Dentre as obras mencionadas, estão “Harry Potter”, “O senhor dos anéis”, “Carandiru”, sucessos de vendas no mercado, conjugadas ao lançamento de filmes das produtoras cinematográficas. Outras, como “Dom Casmurro”, “Senhora”, “Iracema”, “O santo e a porca” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, podem estar relacionadas às leituras realizadas nas escolas de ensino médio, onde é comum o uso de obras literárias que alimentam as provas do vestibular.

No conjunto, há forte predominância de jornais e revistas semanais. Ambos instituem uma forma de ler diferente daquela promovida pela leitura dos livros. Os alunos dizem ler os jornais de grande circulação na cidade, sendo os de maior preferência “O Globo” e “Jornal do Brasil”, seguidos de “O Dia” e “Extra”. Apenas 2 alunos mencionaram fazer a leitura de jornal “on-line”, uma modalidade de leitura que permite o acesso imediato à informação em tempo real, sinalizando a inserção do texto eletrônico como uma prática de leitura do mundo contemporâneo que inaugura um novo protocolo de leitura⁶.

As revistas semanais desenharam um repertório diversificado, abrangendo revistas como “Veja”, “Isto é”,

“Época”, seguidas por “Caras”, “Superinteressante”, “Boa Forma”, “Criativa”, “Capricho”, “Contigo”, “4 Rodas”, “Playboy”, entre outras. Estas últimas apresentam temas de interesse da faixa etária dos estudantes: notícias de artistas, cuidados com o corpo, roteiro de viagens, moda, esportes radicais, etc. De modo geral, são textos leves, de leitura rápida e linguagem direta e fácil, diferentemente das primeiras que fazem circular reportagens vinculadas aos aspectos políticos e econômicos, por exemplo.

Essa diversificação dos objetos de leitura reforça a idéia de que o estudante lança mão de um tipo de leitura que não corresponde ao cânone escolar que comumente define a leitura legítima. O problema não está nesse tipo de leitura em si, diz Chartier⁶ (1999), pois cabe ao professor reconhecer a força dessas leituras que apontam “[...] práticas incontroladas e disseminadas a fim de que possa conduzir esses leitores, pela escola, [e orientar], sem dúvida, por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras”.

A Tabela 1 ilustra a freqüência de leitura desses materiais.

Vê-se a predominância dos periódicos em comparação com a leitura de literatura em geral (que engloba contos, ficção, romances, poesias etc.) e de livros acadêmicos, que objetivam proporcionar conhecimentos científicos ou técnicos. De modo geral, a leitura dia a dia não é comum, independentemente do tipo de texto. A leitura de livros acadêmicos também é esporádica.

A motivação, a leitura em voz alta ou silenciosa, a leitura socializada são indicativos de que a apropriação da leitura se dá por práticas diferenciadas. Ler em casa é a preferência de 40 alunos, que elegem o quarto (20 alunos) como o local de leitura mais usual, indicando que o isolamento e a privacidade são características presentes, incorporadas historicamente pela prática da leitura extensiva⁷. A sala e o ônibus são os locais escolhidos para ler, igualmente, por 8 estudan-

tes. Outros espaços são apontados: praia, varanda, biblioteca ou “qualquer lugar cômodo e com luz boa”, demonstrando que os espaços socializados e/ou públicos inventam maneiras de ler, mudam gestos e objetos lidos. A leitura é menos atenta, mais rápida e descompromissada, mistura-se com a diversão e o lazer. Pode ser uma leitura descontínua, salteada, que não se incomoda com possíveis interrupções.

A LEITURA NA UNIVERSIDADE

Os alunos, ao ingressarem na universidade, começam a ter contato com leituras mais densas que constituem o corpo teórico de cada disciplina. A leitura científica passa a ocupar um lugar importante visto ser encarada como a leitura de estudo, específica da área de formação escolhida. A qualidade dos textos, as exigências e cobranças dos docentes, a leitura como tarefa⁵ modificam a aproximação do estudante com o texto escrito, inaugurando experiências diferentes das que realiza usualmente.

Além de mobilizar estratégias de leitura específicas para compreender o texto^{5,9}, espera-se que o aluno faça uso da bibliografia para complementar as anotações de sala de aula, para estudar e rever conceitos debatidos em sala, para buscar o diálogo com outros textos e autores sobre um determinado assunto, o que foi confirmado apenas por 17 alunos. A maioria parece não ter o hábito de consultar as fontes indicadas pelo professor, fazendo desse tipo de leitura um ato esporádico (39 alunos) ou mesmo inexistente (4 alunos) (Tabela 1). Esse procedimento contribui para que o aluno diminua a possibilidade de dialogar com o autor, pois, como alerta Larossa¹⁰ (2001): “[...] o importante não é o que nós sabemos do texto, o que nós pensemos sobre o texto, mas o que – com o texto ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar”.

Os dados revelam que, ao serem convocados a identificar um livro acadêmico lido recentemente e a

Tabela 1- Freqüência de leitura/número de alunos.

Freqüência	Jornais	Revistas	Literatura	Livros acadêmicos
Todos os dias	36	1	4	2
1 vez/semana	21	24	3	6
Mais de 1 vez/semana	21	19	7	17
Às vezes	13	20	25	23
Raramente	9	4	22	16
Nunca	-	2	6	4
Em branco	-	-	3	2

autoria da obra, no período letivo em curso, o comportamento visto em relação às leituras de livre escolha se repete. Apenas 8 alunos conseguiram fornecer a informação completa, indicando apenas uma fonte. Vinte e oito alunos citaram o título da obra ou o autor e, muitas vezes, o nome da disciplina que solicitou a leitura e não a obra. A maioria (34 alunos) não conseguiu indicar um livro acadêmico lido recentemente e seu respectivo autor. Para confrontar as respostas dos estudantes, foi feito um levantamento junto à bibliotecária do *campus* que confirmou a existência de informações trocadas, títulos de livros incompletos e pequenos equívocos sobre a identificação da autoria. Das indicações fornecidas, mesmo incompletas, a área de Biologia Molecular se destaca.

Quanto à leitura de textos indicados no programa das disciplinas, necessária para acompanhar o conteúdo discutido em sala e colaborar para a ampliação dos debates, 49% dos estudantes não mantêm uma sistemática regular de leitura. Apenas 29% da turma costuma realizar as leituras solicitadas; 19%, raramente; e 3% nunca lê os textos solicitados.

Entendo que, sem o preparo prévio necessário, os alunos comprometem o nível de participação nas aulas e acabam se colocando no lugar de espectador do tema abordado pelo professor, deixando pouco espaço para uma postura interativa. Na maioria das vezes, as aulas expositivas tomam o espaço da problematização provocada pela leitura, propiciando um afastamento da perspectiva de aprendizagem que pressupõe um aluno ativo. Ao que parece, há a promoção de atos mínimos de leitura suficientes para um grupo significativo de alunos que acabam não contemplando a apropriação* progressiva do discurso acadêmico sob a forma específica de textos científicos, propiciado pelas diferentes leituras. As leituras fundadoras necessárias para a formação da visão crítica ainda não são privilegiadas pelos estudantes.

No intuito de investigar se a pulverização da leitura poderia estar relacionada ao volume dos textos solicitados, gerando uma sobrecarga, percebeu-se que mais da metade dos alunos (45) afirma ter um volume pequeno de leituras por semana (1 a 2 textos). Do total, 18 estudantes apontam ter de 3 a 4 textos para ler e 7 alunos indicaram ler 5 textos por semana. Levando em conta que os alunos do 1º período cursam 4 disciplinas, o volume de leitura deveria correspon-

der a essa demanda, posto que é possível que cada disciplina solicite leituras a cada aula. Mesmo assim, apenas 29% dos alunos costumam fazer a leitura dos textos solicitados pelo professor.

Tendo em vista que a maioria dos alunos não exerce atividade remunerada, depreende-se que há disponibilidade de tempo para a execução das leituras solicitadas, o que sugere uma investigação mais cuidadosa sobre o não cumprimento dessa tarefa.

No andamento do curso, supõe-se que o estudante inicie a formação de um acervo pessoal sobre odontologia e outras áreas que se interligam para sua profissionalização. Embora recém-ingressados, 21 alunos dizem que costumam adquirir os livros indicados pelo professor no programa da disciplina. Tendo em vista que as obras acadêmicas da área da odontologia têm custo elevado, devido à inclusão de muitas imagens ilustrativas, esse dado é significativo. Por outro lado, 32 alunos dizem que, às vezes, adotam esse procedimento e o restante, raramente ou nunca, costuma adquirir algum livro, à semelhança dos resultados encontrados por Carvalho⁴ (2002), que confirma ser privilégio de poucos a compra de livros para a formação de uma biblioteca mínima.

Em relação ao uso da biblioteca, dos 70 alunos investigados, apenas 7 dizem que raramente ou nunca utilizam o acervo da biblioteca do *campus*. Vinte e nove alunos freqüentam sempre o espaço e 34, às vezes. A possibilidade de encontrar a informação desejada na biblioteca é atestada por 17 alunos e 26 dizem nem sempre encontrar o que procuram. Poucos alunos dizem nunca ou raramente encontrar o material desejado na biblioteca, o que revela o atendimento satisfatório à demanda do curso, o que foi confirmado junto à bibliotecária do *campus*. No entanto, levanta-se a hipótese sobre o pouco domínio dos estudantes das formas de busca do material: uso de palavras-chave, indicação da autoria etc., ainda não interiorizadas.

Paralelo ao uso da biblioteca, o acesso à internet como recurso para estudo ou pesquisa é uma prática incorporada pela maioria (70%), seguida por 27% de alunos que fazem uso desse recurso às vezes. Apenas 3% dos estudantes dizem raramente utilizar a internet para esse fim.

O acesso à informação pelos meios eletrônicos parece estar favorecido pela situação econômica e social dos estudantes e pela facilidade de utilização da

*A noção de apropriação é aqui entendida como forma de acesso a bens, textos, idéias caracterizada por práticas que se apropriam de modos diferentes dos materiais colocados em circulação⁷.

sala de informática disponível no *campus*. Lá, os alunos podem agendar horários de sua conveniência para fazer uso do laboratório e acessar a base de dados disponível. Embora os ganhos dessa forma de coleta de informações sejam inquestionáveis, é evidente que esse suporte de leitura insere novas formas de ler, pois ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual foi publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o “mesmo” artigo no número da revista na qual apareceu não são a mesma experiência⁶.

A “leitura eletrônica” possibilita recursos diferentes para explorar o texto. A leitura em cascata, favorecida pelo clicar do mouse em uma palavra, é um exemplo de outra maneira de ler, inicia o leitor na leitura hipertextual, demandando sua participação de maneira diferente daquela da relação que estabelece com o livro.

Diante da inserção maciça da busca de informações nos meios eletrônicos, cabe ressaltar que é responsabilidade do docente sugerir aos estudantes sites de bibliotecas eletrônicas e instituições de pesquisa relativas à área para que as informações obtidas possam ter a referência científica, o que não invalida a iniciativa de os estudantes organizarem buscas de livre escolha.

Do total, 64 estudantes apontam fazer uso da biblioteca do *campus*, mesmo que seja para efetuarem a consulta eletrônica. Por outro lado, os alunos não têm o hábito de frequentar outras bibliotecas públicas ou privadas ou universitárias, nem a Biblioteca Nacional, apresentada a eles na disciplina de metodologia científica, como atividade extramuros¹⁵.

Embora o contato com a Biblioteca Nacional, na ocasião, tenha causado impacto ao se depararem com a grandeza e variedade do acervo e sua organização, 18 alunos não pretendem lá realizar consulta alguma, pois alegam a distância como elemento dificultoso. Um número significativo de alunos (38) afirma não ter conhecido a Biblioteca Nacional antes da visita. Alguns (13 alunos) conheciam o exterior do prédio, mas não o seu interior e 14 alunos conheciam o interior do prédio, mas sem ter realizado uma consulta. Apenas 5 alunos dizem ter consultado o acervo dessa instituição, porém, antes de ingressarem na universidade.

Mesmo assim, 50 alunos demonstram a intenção de retornar à Biblioteca Nacional para a realização de consultas, justificando que o espaço proporciona “uma pesquisa mais detalhada”, “acervo variado e completo”, mas, apenas, se “a internet não for sufi-

ciente” e “não encontrar o que procuro na biblioteca do *campus*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade, hoje, não pode se eximir da responsabilidade de continuar o processo de formação de leitor, iniciado nas séries anteriores. A formação de um profissional humanista requer que a leitura faça parte desse processo, visto que amplia a visão da realidade vivida. A universidade é um espaço privilegiado para o exercício da crítica, possibilitando que o estudante, por meio de leituras diversificadas, ressignifique as suas ações como cidadão e futuro profissional.

Os resultados encontrados espelham que a formação do aluno crítico, delineada nas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação da Saúde, tendo a leitura como um caminho para uma postura reflexiva, encontra alguns percalços materializados em práticas que distanciam o estudante calouro de um olhar mais investigativo sobre a realidade, privilegiando o lugar do aluno como receptor da visão do professor sobre os temas debatidos em sala, visto que as leituras prévias, importantes para acompanhar as aulas e estabelecer um diálogo com o professor, acontecem de forma precária. Os alunos parecem se contentar com a exposição do professor, ficando este encarregado de destacar aquilo que é fundamental para o assunto em pauta. Corre-se o risco de que, se esse processo não for revertido, os estudantes não se capacitem para um estudo aprofundado e complexo das questões que envolvem a odontologia, motivado pelas leituras fundamentais da área.

Além disso, o uso de fontes complementares, sugeridas ou não pelo docente com vistas à ampliação do conhecimento tratado em sala, é uma estratégia que precisa ser incentivada. A intertextualidade implícita nas leituras propostas precisa ser ampliada para que se abra o leque para novas compreensões. Ler é fundamental para produzir conhecimento.

Da mesma forma, a leitura de livre escolha apresenta contornos fluidos que precisam ser fortalecidos. A entrada desse tipo de leitura na sala de aula seria um caminho possível, se o professor, mediador da leitura, buscasse pontos de conexão entre os temas discutidos em sala e as matérias veiculadas nos periódicos e na literatura. Os processos de leitura aí possibilitados poderiam desencadear leituras significativas, visto que questionariam o cotidiano no qual o estudante está inserido, em diálogo com as leituras reconhecidas como científicas.

A prática do acesso a textos eletrônicos para fins de estudo é uma realidade que deve ser problematizada e incorporada sob o viés da cientificidade, ou seja, deve-se possibilitar que o aluno possa acessar as informações com critérios científicos, forma necessária para qualquer pesquisa de informações.

Conclui-se que os estudantes calouros deram os primeiros passos para a sua formação como leitores, pois começam a integrar o uso da biblioteca e a organizar um acervo pessoal. No entanto, vê-se a importância da ação mediadora do professor na construção dos movimentos formadores desses leitores que se pretendem disponíveis e sensíveis para olhar a odontologia na perspectiva da promoção da saúde.

ABSTRACT

The reading and humanistic education of the dental student: processes under construction

The aim of this article was to assess the behavior of students of the first period of a dental course in relation to reading, by focusing on the reading acts inherent to the university life that may add to the humanistic education of the dentist. Taking into account the contributions of cultural history, an explanation to the following question was sought: How do these students make their first contacts with the reading objects presented to them by higher education? It is an exploratory study, the result of a research-action conducted with 70 students of the Estácio de Sá University, Rio de Janeiro, Brazil. For the collection of data, a questionnaire with 12 questions (including 3 open ones) was applied. The results reveal different reading paths under formation. It was concluded that the training of a critical reader must be a commitment of the university professor.

DESCRIPTORS

Education, dental. Reading. Comprehension. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Almeida Filho JCP. A diferença que faz uma formação universitária aos alunos de graduação. *In: Lima RCCP, organizador. Leituras: múltiplos olhares. Campinas: Mercado de Letras/São João da Boa Vista: Unifeob; 2005. p. 97-102.*
2. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do

- Curso de Graduação em Odontologia. Brasília; 2002 [citado 2005 fev 10]. Disponível em: URL: <http://www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf>.
3. Britto LPL. Leitura e escrita de estudantes universitários. *In: Britto LPL. Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado Aberto; 2003. p. 175-94.*
4. Carvalho M. A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. 5ª ed. Rio de Janeiro: Teias; 2002.
5. Carvalho M, Rangel JNM, Sancias R. Didática da leitura no curso de pedagogia: tornar-se leitor de textos acadêmicos [CD-ROM]. *In: XII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino; 2004 ago 29 - set 01; Curitiba.*
6. Chartier R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. 1ª reimpressão. São Paulo: EdUnesp/Imprensa Oficial do Estado; 1999.
7. Chartier R. História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; 1991.
8. Correa CHA. Entre práticas e representações: uma incursão em alguns aspectos da leitura na universidade. *In: XX Reunião da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED); 1999; Caxambu.*
9. Kleiman AB. Oficina de leitura. Campinas: Pontes; 1993.
10. Larossa J. Sobre a lição. *In: Larossa J. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2001. p. 139-48.*
11. Leite SAS, Oliveira LR. Constituição do leitor: análise dos eventos de leitura no curso de pedagogia da Unicamp. *Leitura: teoria e prática 2004;22(42):19-32.*
12. Moysés ST, Moysés SJ, Kriger L. Humanizando a educação em Odontologia. Revista da ABENO [periódico on-line] 2003 [citado 2005 fev 8]. Disponível em: URL: http://www.abeno.org.br/revista/arquivos_pdf/2-3/Moys.pdf.
13. Ramires V. Leitura e produção escrita de universitários. *Leitura: teoria e prática 2002;20(38):37-51.*
14. Rangel JNM. A leitura na universidade: uma visão interdisciplinar. Rio de Janeiro; 2005 (mimeo).
15. Rangel JNM. O currículo e a formação do universitário para a pesquisa: conhecendo o acervo da Biblioteca Nacional [CD-ROM]. *In: VI Colóquio sobre Questões Curriculares, II Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares - Currículo: Pensar, inventar, diferir, 2004 ago 16-9; Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UERJ; 2004.*
16. Richardson R, Peres JAS, Wanderlet JCV, Correia LM, Peres MH. Métodos quantitativos e qualitativos. *In: Richardson R, Peres JAS, Wanderlet JCV, Correia LM, Peres MH. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas; 1985. p. 29-48.*

Acceto para publicação em 10/2005